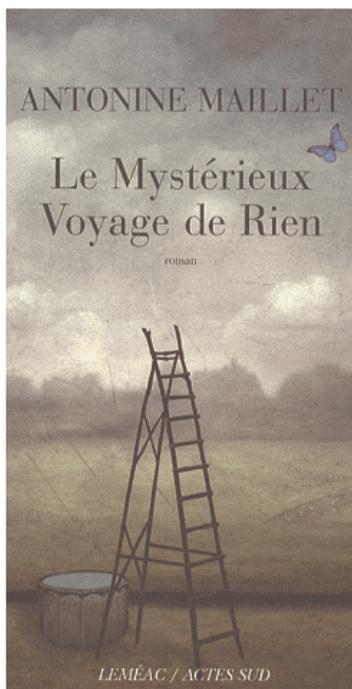
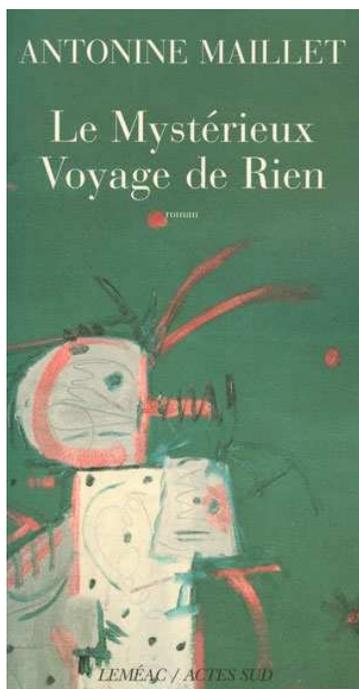


MAILLET, Antonine. *Le mystérieux voyage de Rien*. Arles: Actes Sud; Montréal: Leméac, 2008. 311p.

Renato Venancio Henriques de Sousa



A publicação deste número da revista *Interfaces Brasil/Canadá* dedicada à Acádia coincide com o ano em que Antonine Maillet, o maior nome da literatura da

Acádia, completa oitenta anos. Nascida em 10 de maio de 1929, na cidade de Bouctouche, no Novo Brunswick, uma das províncias marítimas do Canadá,

Maillet consagrou-se internacionalmente com a atribuição do Prêmio Goncourt, em 1979, ao seu romance *Pélagie-la-Charrette*. No ano passado, a Universidade de Moncton organizou um colóquio internacional para comemorar os cinquenta anos de produção literária da autora, que começou em 1958, com a publicação de seu primeiro romance, intitulado *Pointe-aux-Coques*. No colóquio de Moncton, Maillet lançou seu último romance, *Le mystérieux voyage de Rien*, que considera um *tournant* em sua carreira. Na verdade, a vitalidade literária de Maillet, dona de uma obra extensa – cerca de vinte romances, treze peças de teatro, uma coletânea de contos, um livro para o público infantil, além de algumas traduções –, parece longe de se esgotar. Se pensarmos na presença recorrente de personagens centenários em sua obra, dentre os quais Bélonie, de *Pélagie-la-Charrette*, talvez seja a figura emblemática da sobrevivência da cultura acadiana, diremos que a autora, tal qual a nonagenária madre Jeanne de Valois, que sonhava viver o suficiente para entrar no novo milênio, tem planos de continuar escrevendo e encantando seu público leitor pelas próximas duas décadas. Neste *Le mystérieux voyage de Rien*, Maillet se afasta da temática

“local” que marca a sua obra, na qual a Acádia é o centro do mundo. De fato, em três romances em que flerta com a autobiografia: *On a mangé la dune* (1962), *Le chemin Saint-Jacques* (1996) et *Le temps me dure* (2003), textos marcados pela origem, pela história familiar, mas igualmente pelas origens da criação estética e da própria vida, no caso dos dois últimos textos, a autora parece ter inaugurado um veio que corre paralelo aos textos de sua produção habitual, centrada na cultura popular da Acádia. De certa forma, ela ousa percorrer outros caminhos, como o de Santiago (de Compostela) de seu romance homônimo. Para dizer a verdade, Maillet, do alto de sua pilha de livros e de seu farol nos arredores da cidade natal, pode simplesmente cometer as ousadias que desejar. No romance em questão, Maillet dá vida ao personagem Nada, criatura traquinas e transbordante de vida, que é arrancada do limbo por força da imaginação de sua criadora, ninguém menos do que “ela”, a narradora. O pequeno Nada tem pressa em viver, por isso sai correndo em todas as direções até que se separa e acaba se perdendo de sua criadora. Este ser desprovido de umbigo, que “chegava de longe, saía de lugar nenhum, aterrissava totalmente nu e sem bagagem,

desprovido de qualquer vantagem”, é, no entanto, dotado de “uma memória infalível” (p. 42). Movido pela curiosidade e pelo encantamento de descobrir um mundo totalmente novo, Nada sobe até o alto de uma pilha de tábuas recém-cortadas. Ele fica completamente subjugado pela visão do horizonte, contemplada lá de cima. Põe-se na ponta dos pés, olha em todas as direções, enquanto aspira com força o ar e os odores da natureza. Sob o encanto de uma gama indescritível de cores e sons, começa a dançar até que perde o equilíbrio e cai, vindo a se esborrachar no chão. Depois de um “Ayoye!” legitimamente acadiano, Nada olha para os lados para ver se alguém o viu e suspira, aliviado. Ninguém. E eis que “Ninguém em pessoa lhe estende a mão e o ajuda a se levantar. — Pensei não ter visto ninguém. — É isto mesmo, você viu Ninguém. — Mas o senhor é alguém. — Senhor Ninguém, de passagem pela região. Olá. E você, quem é? [...] — Venho de... muito longe e me chamo Nada” (p. 17-18). Começa aí a aventura de Nada, que conhece seu mestre Ninguém, um ser de porte elevado e diáfano, que tem a faculdade de ler os pensamentos das pessoas, além de possuir vasta cultura, que inclui o domínio de uma infinidade de

línguas. Começa, igualmente, a misteriosa viagem que os levará a percorrer o mundo, buscando conhecer outras culturas e civilizações. No caso de Nada, trata-se de uma viagem iniciática que implica o autoconhecimento e a descoberta de valores essenciais, que se encontram, em nossos dias, ameaçados pela civilização e pelo capitalismo em sua vertente mais “selvagem”, quais sejam: o sentido de compartilhamento, de fraternidade e de interdependência das sociedades humanas, capaz de tornar possível a existência pacífica entre os povos, além da construção de uma consciência ecológica, fundamental, sobretudo nos dias atuais, para a sobrevivência da espécie e do próprio planeta. Logo, Nada faz o aprendizado da dura realidade da vida, na qual a água, assim como a terra, tem um preço: “então ele compreendeu o sentido das palavras *propriedade privada*” (p. 23, grifo da autora). Ao lado de seu mentor, que lhe prodigaliza lições sobre os mais variados assuntos, da história natural, passando pela história das civilizações e das idéias, até o conhecimento mais específico das palavras e expressões da língua, Nada realiza seu projeto de vida: “O planeta lhe pertence, a conquista do mundo é possível. *Nada* impedirá *ninguém*, ou *ninguém* impedirá *Nada* de

percorrer o globo em busca do seu sentido, de seus mistérios e riquezas visíveis ou ocultas. *Nada e Ninguém!* Ambos têm uma vida pela frente. O tempo não poderia lhes faltar” (p. 45, grifo nosso). Neste trecho, fica evidente a intenção da autora em tirar partido dos vários sentidos que *rien* e *personne* possuem, quer se refiram aos personagens ou não. Não custa lembrar que, em francês, o vocábulo *personne* pode significar “pessoa” e “ninguém”, dependendo do contexto. A autora vai lançar mão, ao longo do livro, de incontáveis jogos de palavras nos quais as citadas adquirem vários e inusitados sentidos, principalmente quando aparecem em expressões negativas (*ne... rien*, *ne... personne*, *personne ne...*, *rien ne...*). No quinto capítulo tem início a viagem rumo ao leste, pois, segundo Nada ouviu dizer, é lá que o diabo se esconde (cf. p. 47). Ao embarcarem em um petroleiro, mestre e discípulo ignoram o negócio ilegal praticado pelo capitão da embarcação, que troca petróleo por sacos de cocaína. Este último acaba utilizando Nada como moeda de troca de sua transação e o entrega ao navio com o qual traficava. Mas o mestre pula na água e nada até a embarcação que conduzia seu discípulo em direção ao sul. Depois de uma série de

peripécias, Ninguém tem o braço comido por um tubarão e é socorrido pelo terceiro integrante da misteriosa viagem. Trata-se de Alguém, um octogenário lobo do mar, que simboliza a sabedoria prática daqueles que aprenderam tudo na escola da vida: “Alguém possuía a ciência infusa do homem de sete instrumentos, que faz de tudo um pouco, de modo inventivo e industrioso” (p. 163). Está formada a tríade que irá percorrer o mundo nas asas da imaginação de uma autora incansável que, como sua criaturinha de nada, meio duende, meio traquinas (cf. *lutin*), não para de nos repetir que estar vivo é uma dádiva, que é como tirar a sorte grande. Daí o *leitmotiv* que anima este romance e convida cada um de nós a tornar-se consciente do “privilegio de ter sido escolhido, dentre bilhões e bilhões de seres, da chance única de ter sido chamado a pular com os dois pés na existência” (p. 99). A viagem que teve início no Canadá (ainda que o país não seja nomeado no texto) e acabou, acidentalmente, seguindo a direção do sul, tem sua primeira escala no “mundo novo”, isto é, na América do Sul, mais precisamente no Brasil, “o maior [país] e o único de língua portuguesa” (p. 94-95). O desmatamento em grande escala que ameaça a floresta amazônica se

inscreve numa série de críticas à destruição do meio ambiente, que vai ritmar o trajeto dos companheiros de viagem mundo afora. O surgimento deste “discurso ecológico” é, com frequência, acompanhado de denúncias à ambição desmedida do homem, assim como aos excessos do capitalismo. Os viajantes seguem para o Peru, onde visitam as ruínas de Machu Picchu, ocasião para Nada aprender a história da civilização inca. Mesmo sabendo-se “nada”, o intrépido herói, cujo lema é: “Já que se está vivo, melhor viver até o fim!” (p. 121), se vê assaltado pela dúvida ontológica que o faz exclamar: “— mas eu existo! enquanto espero que me aniquilem, existo!” (p. 118). Em seguida, ei-los na Terra do Fogo, no extremo sul do continente. A volta ao mundo de Nada, Ninguém e Alguém prossegue, levando-os à África do Sul. Numa África ainda marcada pela herança do colonialismo, são confrontados com a violência, o racismo e a barbárie dos massacres de civis por milícias das mais variadas tendências político-ideológicas. Numa aldeia perdida, encontram um *griot*, o contador de histórias e biblioteca viva da cultura oral tradicional. Em seguida, partem para a Europa. Numa cidadezinha no interior da França, hospedam-se em um mosteiro. Aí, Nada

descobre, na biblioteca, o *Dom Quixote* de Cervantes. Ele se identifica inteiramente com o personagem do “Cavaleiro da Triste Figura”, o que o leva a partir para a Espanha, acompanhado de Alguém, que faz as vezes de Sancho Pança. Ninguém, por sua vez, viaja para a Itália e os companheiros decidem encontrar-se em Roma, “na grande praça do Vaticano, no dia da festa de São Miguel” (p. 200). Na Catalunha, Nada descobre o amor e... a decepção amorosa. Depois do reencontro na Itália, o périplo continua em direção à Terra Santa. Em Jerusalém, os viajantes tomam contato com a intolerância religiosa e presenciam um atentado terrorista que faz dezenas de vítimas inocentes. No Iraque, o banho de sangue continua. Aí, Nada se lembra da epopéia de Gilgamesh, herói sumério com quem dialoga interiormente na tentativa de encontrar uma solução para a tragédia do povo iraquiano. Na próxima etapa, o grupo segue para o Tibet, onde Alguém cai doente, vindo a morrer, mas não sem antes legar ao pupilo o dom de orientar-se pelo globo, graças à bússola interior que carrega no próprio olho. Depois de percorrerem a Mongólia e a Manchúria, navegam pelo mar de Bering, onde escapam com vida do naufrágio do navio no qual viajavam. No bote salva-vidas,

Ninguém pergunta a Nada: “— Você não tem nada do que se lamentar, traquinas? — Lamentar o fato de ter feito a viagem, mestre? — A longa viagem... a viagem da vida?...” (p. 292). Mas o pequeno Nada não lamenta coisa alguma, apenas a curta duração da existência, misteriosa e insondável... Enfim, chegam ao Grande Norte, e logo se dão conta de que voltaram ao país de origem. Ali, entram em contato com a cultura e as tradições dos inuits, cuja sobrevivência se encontra ameaçada pelas disputas em torno da exploração do petróleo no Polo Norte. É importante ressaltar, ao longo do livro, a recorrente manifestação da astúcia de Nada, a famosa *jarnigoine* acadiana, atributo de inúmeros personagens maillietianos, como Pierre à Pitre, do romance *Pélagie-la-Charrette*, rompendo os limites da realidade prosaica e provando que, para a escrita habitada pelos desvarios da “louca da casa”, tudo é possível, ou, nas palavras de Nada, citando um autor desconhecido: “Não há nada impossível no campo das possibilidades” (p. 50). O texto de Mailliet pode ser lido como um conto filosófico à Voltaire, ou como um romance de formação – formação de um personagem “de papel”, já que é filho do “Lápis” e da “Página branca” (cf. p. 69) –, que nos relata o processo de aprendi-

zagem, de construção de saberes e vivências de Nada, no contato com seus mestres Ninguém e Alguém, mas, igualmente, com o Outro, o estrangeiro, característico da noção de *Bildung*. Podemos considerá-lo, também, um exercício de metaficção, graças a sua visada autorreferencial, uma vez que expõe os artifícios da criação literária, além de refletir acerca da criação artística em geral, como duplicação do gesto criador de Deus, representado no livro pela pintura de Michelangelo no teto da Capela Sistina que, por sua vez, retrata a Criação do mundo (cf. p. 240). Em *Le mystérieux voyage de Rien*, a história de Nada aparece como metáfora da escrita e da vida. Esse “nadica de nada” representa, de certo modo, nossas individualidades inscritas no tempo e sujeitas às contingências da existência, viagem misteriosa pelos caminhos do ser e do Tempo voraz, imagem recorrente no romance. Contra a voragem do “Grande Nada” que antecede e sucede cada existência, há a afirmação: “mas eu existo [...]!” do personagem principal, imagem de uma manifestação desejante e teimosa. Esse Nada que aspira a ser Alguém, uma Pessoa ou um Ninguém, pode imitar o gesto criador da autora de seus dias, fazendo emergir do teto da Capela Sistina suas criaturas “Possível” e seu irmão gêmeo “Impossível”

(cf. p. 242), ou até fugir ao controle “Dela” e ganhar vida própria. Pode, finalmente, inscrever sua marca na superfície da obra, escrevendo “em voz alta”, com o lápis que sua criadora lhe oferece, as palavras finais do livro: “Dize a teus pais que eu os perdoo” (p. 311).

Esse final enigmático, remetendo às complexas relações entre autor e personagem, parece ecoar a pergunta de Nada a Ninguém, no capítulo 20: “– De onde vêm os mestres? – De seus discípulos, respondeu o mestre sem pestanejar” (p. 303).

